Nota de solidariedade ao

Padre Riva Rodrigues de Paula e contra o racismo

Três séculos de escravidão negra no Brasil deixaram marcas não só nos corpos e nas almas feridas de milhões de irmãos e irmãs negros e negras, mas esses anos continuam vivos no racismo que se manifesta em práticas institucionais, culturais e interpessoais de superioridade de uns sobre outros, deixando atrás de si um rastro interminável de mortes físicas, como a que dizimou João Alberto Silveira Freitas, filho de pastor evangélico, no supermercado Carrefour em Porto Alegre, e de mortes morais, como a que está afetando o Pe. Riva Rodrigues de Paula, na paróquia São José e Nossa Senhora das Dores, da cidade de Alfenas, na diocese na Guaxupé, em Minas Gerais.

O Evangelho proclamado nas igrejas católicas do mundo inteiro, nesta última solenidade de Cristo Rei, dizia que receberão em herança o reino de Deus os que tiverem dado de comer aos que passam fome, de beber aos sem água, tiverem acolhido os migrantes e os sem-teto, cuidado dos doentes e se interessado pelos prisioneiros. A salvação não dependerá de religião, de nacionalidade, de categoria social, de práticas de culto ou de crenças, mas daquilo que tivermos feito aos seres humanos, especialmente os mais vulneráveis ou vulnerados. A razão dada por Jesus é desconcertante: "Todas as vezes que fizestes isso ao menor dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes!" (Mt 25,40). A frustração definitiva será a confirmação de uma vida autorreferenciada e cega ao outro, a sua dignidade, seus direitos fundamentais, suas necessidades, suas dores: "Todas as vezes que não fizestes isso a um destes menores dos meus irmãos, foi a mim que o deixastes de fazer!" (Mt 25,45). Os primeiros serão acolhidos por um "Vinde, benditos"; os segundos, por um inimaginável "Ide, malditos!"

É escandaloso que pessoas que se têm por cristãs e católicas tratem um ser humano, no caso, o seu próprio pastor, com atitudes e palavras de ódio, de desprezo, de repulsa por causa da cor da sua pele. Qual o Deus que conhecem? A que Deus adoram? O que pensam estar fazendo quando participam da missa? O que é a comunhão eucarística para eles? Vêm-nos à mente as palavras duras do apóstolo Paulo – "Comem e bebem a sua própria condenação" (1Cor 11,29) – pois recebem Cristo na ceia, mas o desprezam no negro, no pobre, no doente, no homossexual, no morador de rua, no indígena, naquele que não crê no que eles acreditam, porém vivem o que eles deviam viver e testemunhar. Não vivem a fé e, assim, testemunham contra Cristo.

O Pe. Riva não quer seguir o caminho que lhe faculta a legislação brasileira. Acredita na força do Evangelho e na conversão das pessoas. Nós também, e respeitamos sua escolha. Mas não podemos deixar de vir a público para manifestar nossa solidariedade a este irmão presbítero, para gritar alto nossa indignação pela atitude vil, desumana e anticristã de pessoas racistas e para somarmo-nos a todos e todas que, no Brasil e no mundo, expõem suas vidas em favor de vidas sofridas, injuriadas, excluídas e destruídas mundo afora.

Permitam-nos concluir nossa manifestação com as palavras imorredouras de um negro protestante, aos 39 anos de idade mártir da causa dos negros nos Estados Unidos: "Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter" (Martin Luther King). O nosso sonho é o mesmo: sonhamos com um Brasil em que ninguém será agredido pela cor da sua pele, por sua diferença, por sua crença, mas que de todas as cores faça a sua beleza, de todas as diferenças a sua riqueza, de todas as crenças um farol a iluminar e guiar a todos na direção do mundo sonhado por Deus, que quer que "todos tenham vida e vida em abundância" (Jo 10,10).

Vidas Negras Importam!

Padres da Caminhada, no dia 25 de novembro de 2020, bradando que "todos somos um em Cristo Jesus" (Gl 3,28).